

Crônica da Falta de Assunto

Se não tem assunto, como vou escrever uma crônica? Mas não é possível, pois os assuntos estão borbulhando! Então por que não encontro um? Achei que deveria escrever sobre os anúncios de liquidação em diversas vitrines de lojas, mas como a maioria está em inglês, fico imaginando se há tantos estrangeiros procurando fazer compras no nosso comércio. Há poucos dias, andando pelo *Shopping* vi em quase todas as vitrines *Sale, Sale, até 50% Off*. Outras com *Sale, Sale, up to 70% Off*. Eu, que quase nada entendo de português, como poderia entender os dizeres acima? Mas o pouco que assimilei, acho que o “até” ficou boiando na primeira vitrine. Afinal, quem sou eu para reprovar o desejo do lojista que pretende vender para um estrangeiro? Não é assunto para uma crônica.

Outro assunto que sempre me desperta são os acidentes de trânsito, principalmente com os motoqueiros, que morrem diariamente pelo simples fato de não respeitar a sinalização. Em quase todos os acidentes que as pessoas perdem o controle de seus veículos, as autoridades dizem que irão investigar as suas causas, mas todos deduzimos que, se estivessem dentro dos limites de velocidade permitida, o número se reduziria a zero e a famosa mureta da Av. Rio Amazonas não sofreria tanto. Felizmente, não sou técnico de trânsito e também não é motivo para crônica censurar alguém que gosta das emoções da alta velocidade.

Outro dia, fiquei sabendo que o Hospital do Câncer tem uma ala de apartamentos toda equipada, construída com a doação de pessoas abnegadas e empresas solidárias de nossa Franca, mas que nunca foi usada, estando inclusive em deterioração, pois a Santa Casa, mantenedora do Hospital, não tem recursos para implantação da equipe médica e auxiliares para o seu funcionamento. Eu tenho algo a ver com isso? Não, mas dói em saber que tantos que sofrem com o câncer não usufruem de algo que está pronto e que custou muito sacrifício aos que doaram e construíram aquele patrimônio. Também não vou fazer crônica com isto; é muito sofrimento.

Falando em Hospital do Câncer, outro dia, entrando pelo estacionamento de veículos, vi dois funcionários, com seus jalecos, saindo dos prédios em direção ao estacionamento dos veículos, acendendo cada um os seus cigarros, já que dentro das instalações não é permitido fumar. O setor de Fisioterapia do Hospital, em cuja sala de espera se vê pessoas com aparelhos respiratórios, em cadeiras de rodas, com pernas amputadas, entubadas etc., tem à sua frente uma área de trânsito de pedestres e diversos jardins. Mas o que me chamou mais a atenção foram os números de guimbas (bitucas de cigarro) espalhadas pelos canteiros dos jardins e calçadas e que foram, provavelmente, espalhadas pelos acompanhantes dos pacientes, quando não, pelos próprios. Mas como eu não sou médico, nem sei mesmo se realmente o cigarro causa câncer, como vou fazer uma crônica sobre isso?

Então meus amigos, não vou fazer crônica alguma, mas pelo menos me fez lembrar a passagem de um velho amigo (bota velho nisso, pois ele tem pelo menos vinte anos a mais que eu) que um dia, parou junto à bomba de gasolina para abastecer sua velha Belina e, após, quando estava prestes a sair, um jovem, com seu Chevette incrementado entrou rapidamente à sua frente e, inevitavelmente, os para-choques se entrechocaram, mas sem danos. O jovem saiu precipitadamente de seu bólido e veio até o meu amigo, dizendo:

- Espera aí tio. Vamos conversar.

Ao mesmo tempo em que começava a aluir sua Belina, meu amigo, que tem uma voz de soprano, saiu com essa:

- Hiiii, meu filho, hoje eu tô tão sem assunto!!!